

MUCUBAIS

Publicado pela Angop em 2013 - 'Treinados' pelo deserto - Mucubais atraem turistas

Hereros, particularmente da comunidade Cuvale, habitam preferencialmente a zona Sudoeste de Angola. Mítica e original, a comunidade "desafia" o Mundo com uma demonstração de pureza e resistência da civilização africana, sem recurso às mais nobres descobertas da globalização.

A realidade deste grupo étnico, confinado na província do Namibe, até pode parecer ficção. Porém, um contacto directo, mesmo breve ou à distância, desvenda uma sociedade rara que, como os Nyaneka Nkumbi, mantém hábitos e costumes semi-primitivos, em pleno século XXI. Tradicionais guerreiros e pastores de gado, atraem como poucos outros na região turistas de várias partes do mundo, ávidos em conhecer, na essência, as razões dessa eterna e consistente ligação a um passado quase milenar.

É este subgrupo da etnia Herero, tradicional nas bermas de paisagens inóspitas entre Angola, Namíbia e Botsuana, que a Angop se propõe conhecer, nesta "prospecção" pela província do Namibe, em busca de elementos singulares capazes de potenciar e divulgar o turismo local. Juliana Fonseca é administradora do município de Virei.

É nesta região do Namibe onde se torna mais intensa e visível a actividade desse subgrupo étnico.

São ao todo 40 mil habitantes desta tribo, registados pelo Estado.

Conhecedora da sua realidade social e cultural, serve-nos de "guia" para entendermos, numa primeira observação, as motivações, os anseios e dificuldades desta comunidade.

A gestora diz tratar-se de uma comunidade bastante inteligente que, apesar de ter hábitos diferentes, tem sabido dignificar a população da região.

Sem medo de errar, afirma mesmo que os membros desta comunidade são os mais novos potenciais a ocupar o sistema de ensino escolar, embora se lhe atribuam o estatuto de povo resistente à instrução.

"É um povo conservador, em termos de cultura, mas muito solidário e acolhedor.

Os Cuvaes hoje são os potenciais candidatos ao sistema de ensino, desde crianças a adultos, que aderem à alfabetização".

A administradora faz questão de desfazer o mito de que se trata de um povo sem instrução e, que ainda, assim, resiste à inserção no sistema de ensino.

"Acho que a confusão deve-se a este nomadismo, que as pessoas confundiam com a resistência.

O grande constrangimento é que, sendo potencialmente criadores, por força das circunstâncias, movimentam-se constantemente em busca de condições de pasto para os seus animais.

Nisso, levam as suas crianças", explicou.

Para contrapor essa realidade, o executivo local passou a apostar forte na distribuição de merenda escolar e, como se esperava, os frutos são visíveis e estão a atrair o povo Cuvale à escola convencional.

Traços somáticos e físicos

Os costumes da sua primeira geração podem chegar a assustar e até arrepiar a quem desconheça, na essência, a civilização africana.

Os seus hábitos são múltiplos e únicos, embora alguns dos seus descendentes estejam já menos distantes do mundo ocidental e globalizado.

Aos poucos, o grupo social abre-se ao mundo, abraçando a escola e convivendo com maior facilidade com povos de outras sociedades ou matrizes étnicas, mas um aspecto continua a chamar atenção a quem, como a nossa equipa de reportagem, encontra-os pela primeira vez. A etnia Herero, de que provêm os Cuvaes (Mucubais), é facilmente identificada pela forma tradicional em que se veste.

Diferente dos Nyaneka Nkumbi, um mucubal pode até passar despercebido na sua forma de trajar, para quem desconhece o seu mundo.

Todavia, um simples detalhe garante a autenticidade de um membro: os dentes.

A sua actual geração mantém os mesmos hábitos dos seus antepassados, na forma de vestir, comer, reproduzir e proteger o gado.

A tradição é realmente exigente e, sem ela, o povo mucubal morre.

Trata-se de um grupo simples, humilde e trabalhador, detentor de códigos sociais marcantes e típicos da ancestralidade africanas.

Alguns hábitos fazem lembrar os Índios, que habitam a América do Sul.

À primeira vista, parece um povo parado no tempo e espaço, mas a sua tradição revela uma sabedoria natural, sendo esta a única forma de explicar a sua "vitória" e facilidade de adaptação ao deserto.

O seu vínculo com a tradição é inquebrantável.

Como tal, segue à risca um hábito que, sendo pouco notado, serve de único detalhe para aferir a autenticidade de um membro: a lima dos dentes incisivos inferiores.

Segundo explicações, este processo de extração dos dentes, que era feito apenas com um pau e uma pedra pelas primeiras gerações da comunidade Herero, serve para aferir se alguém é ou não Cuvale de gema.

Origens e características

Reza a história, ainda pouco explorada e publicada, que esta comunidade nómada e folclórica descende de povos camitas, bantus, que foram pela primeira vez referenciados em 1785.

Segundo estudos do compêndio História de Angola, publicado em 1965, pelo Centro de Estudos Angolanos, o povo Helelo, Herero ou Ovahelero de que provêm os Cuvale (mukubais) terá saído da região dos Grandes Lagos, por volta do Sec XVI.

A sua entrada em Angola teria sido feita pelo extremo Leste, atravessando o planalto do Bié, antes de ir fixar-se entre o deserto do Namibe e a Serra da Chela.

Como qualquer povo de matriz Herero ou Ovahelero, são tradicionais pastores/criadores de gado que deambulavam, na era colonial, pelas margens do rio Bero, Giraúl, Vintiaba ou Bentiaba.

Praticavam uma vida nómada devido a constante procura por água de que o deserto carece, por falta de chuva.

Esta comunidade é sem dúvida, à semelhança dos Nyaneka Nkumbi da província da Huíla, uma referência de perseverança e fé.

No final da era colonial, esteve em risco de extinção, dado o seu perfil e opções de vida, sobretudo em termos alimentares.

Dizem os escritos que, apesar do seu potencial em gado, passava fome por falta de cereais suficientes na sua dieta alimentar, dado o tipo de agricultura rudimentar que praticam, quase reduzida a massango e massambala, levada a cabo por mulheres.

Mas qual será a realidade actual desta gente fiel aos princípios dos seus ancestrais, que continua a resistir à integração social nas cidades, preterindo a tecnologia ocidental pelo segredo do deserto.

A vida dos Mucubais tem muitos mais mistérios do que se possa imaginar.

Os seus hábitos e costumes são quase pouco estudados por arqueólogos, historiadores e antropólogos de todo Planeta.

Diferente do que se pensa, conhecem os vícios e as virtudes da civilização modernista e vivem, hoje, entre a aceitação e recusa do comércio convencional.

A ida à escola e a aceitação do cristianismo são outros aspectos em que se mostram irredutíveis, para dar continuidade às antigas tradições, pois têm noção que, só assim, resistiriam como povo original.

Trata-se de um povo inconfundível, que se difere dos povos civilizados com as suas típicas pulseiras, missangas e turbante de pele de carneiro, que são enfeites indispensáveis nas mulheres.

Já os homens apresentam diferentes tipos de cabelo, cada um com o seu significado.

Organização Social

O seu modo de vida assemelha-se, em muitos casos, ao dos povos semi-primitivos (índios) que habitam o Brasil, na América do Sul.

Entretanto, um aspecto particular os difere, a capacidade de pastar e um amor platónico pelo seu maior tesouro: o gado.

Aqui, os bois são mais do que uma divindade, podendo mesmo, um membro da comunidade, sacrificar a vida se tiver de defender algum membro dessa sagrada espécie, seja de inimigos humanos (caçadores), seja de animais da mais dura linha de ferozes.

Mas qual será a razão para que os mucubais, ricos em gado e carne, somente em momentos especiais abatem uma cabeça para o consumo, sobrevivendo em muitos casos de frutos silvestres e derivados do leite, numa área tomada por areia.

A busca por água e comida dependem de um processo de transumância, que os pode levar a percorrer mais de 50 quilómetros por dia, enfrentando de peito aberto e com sabedoria ancestral os qualquer eventual perigo do deserto.

A comunidade pode parecer ultrapassada no tempo e espaço, mas guarda a mais típica sabedoria africana, sobrevivendo e resistindo por vários séculos à invariável seca.

Desde o período colonial, opta por uma dieta quase à base de frutos silvestres, leite e seus derivados.

Carne, apenas em ocasiões especiais.

Segundo relatos, o povo recusa-se a comer peixe, alimento que o mar, próximo do seu habitat, quase gratuitamente lhes ofereceria.

Ainda segundo os mesmos relatos, essa prática não se deve a factores culturais.

Reza uma antiga lenda que os seus antepassados foram mortos, atirados ao mar e comidos pelos peixes, sendo esta a causa do aparente desprezo pelo peixe.

Os bois, sua maior riqueza, são o centro da organização social dos Cuvalés, sendo a fonte de quase tudo que necessitam.

Ele serve para fazer de tudo um pouco.

Da pele do animal deriva a cama, do leite o alimento, das fezes misturadas ao barro o suporte das casas e da carcaça a homenagem aos mortos.

Nesta comunidade, quanto maior for o número do gado, mais respeitável será a pessoa proprietária, daí toda a organização social girar em volta desta espécie animal.

Desde as suas primeiras gerações, o gado tornou-se como moeda de troca e transacção monetária.

Era um artigo cobiçado pelos comerciantes estrangeiros, que os recebiam em troca de produtos como milho, fuba e bebidas alcoólicas.

Habitat e rituais socio-culturais

Os Cuvalés dependem da chuva para manter e reproduzir o gado.

Vivem numa zona onde em cada ano oito meses são secos, com anos de chuva reduzida.

Mas mesmo assim conseguiu sempre, pela transumância e pastorícia, alimentar o rebanho, mesmo nos momentos mais críticos.

Cada Mucubal dispõe de um kimbo (várias cubatas dispostas em círculos, onde o patriarca reúne todas as mulheres e família, vivendo em harmonia e trabalhando no campo.

Contraem matrimónio dentro do mesmo grupo, uma vez que não admitem cruzamentos com outros grupos.

São poligâmicos.

A casa é feita de areia, com esterco de boi, complementada por paus que fazem o papel de porta.

Apesar do material rudimentar, os espaços são seguros e, segundo relatos, chegam a resistir à chuva, sem qualquer infiltração.

Publicado pela Angop em 2012 – entrevista a Inácio Maseca, autoridade tradicional do Virei

Namibe – O soba grande do município do Virei, a 133 quilómetros a leste da cidade do Namibe, Inácio Maseca, disse hoje, nesta cidade, que os verdadeiros donos de África continuam a ser os povos Mucubais, por serem portadores da cultura, da arte e do espírito africano.

Em declarações à Angop, a autoridade tradicional do Virei frisou que a tribo Mucubal, localizada no deserto do Namibe e nas extremidades da Serra da Leba, com actividade principal a pastorícia, é considerada como verdadeiros povos de África por conterem a prevalência da sua cultura, hábitos e costumes durante os conflitos armados que assolaram o país.

Inácio Maseca, de 85 anos de idade, realçou que a tribo Mucubal é constituída por povos cuja riqueza são os bois, que são o suporte para que os homens possam sustentar as famílias, vivendo em harmonia.

Quando ao vestuário, frisou os Mucubais possuem uma cultura semelhante aos povos Mumuilas, Mucuissis Muihimba os Mohacahonas, apresentando-se semi-nus cobrindo-se apenas com peles e panos típicos, não dispensando a catana, lança e purinhos, e são capazes de percorrerem mais de 50 quilómetros por dia.

“Cada Mucubal dispõe de um kimbo e várias cubatas expostas em círculo, onde reúnem todas as mulheres e família, sendo que o soba é o chefe e representante junto das entidades oficiais e tendo como herdeiros da riqueza os sobrinhos, filhos da irmã”, realçou.

Inácio Maseca salientou que a tribo mucubal, com características semi-social e nómada, apesar da poligamia ser usual, não é permitido o adultério, infracção punível com o pagamento de três bois.

“O casamento tem um significado diferente em várias tribos. Em primeiro lugar, quem pretende uma esposa deve falar com os encarregados, enquanto nos Mucubais a menina é ocupada aos seus cinco anos de idade para um jovem de 15 a 17 anos”, asseverou.

Frisou que a menina antes de se casar a partir dos 13 anos, terá a obrigação de fazer a festa de puberdade denominada cuhelula “o fico”, com uma equivalência de uma cabeça de gado e outras duas, posteriormente entregues a família.

As cerimónias fúnebres são feitas com a transportação do cadáver numa pele e depois do enterro é colocado na cruz mais de cinco xifres de bois, que simboliza a riqueza.